

uma vertente funcional' (pp.235-6). Por sua vez, a função de dirigir aborda temas tão significativos como a liderança (estilos de liderança); a motivação, encarada como 'uma das chaves do sucesso de uma Organização' (p.240); a tomada de decisões – uma vez que dirigir 'é decidir, tomar decisões' (p. 244); a comunicação no interior de uma Instituição; e ainda a importância de gerir rumo à qualidade. A quarta função, avaliar e controlo de gestão, determina os processos que lhe são inerentes, especificando alguns dos instrumentos a utilizar: controlo orçamental e *Modelo de balanced scorecard* (BSC) aplicado às IPSS.

Um aspeto também a destacar neste livro é o facto de, para além do índice geral no início da obra, encontramos, no início de cada capítulo, uma exposição dos principais tópicos e temas a desenvolver, procurando guiar o leitor, o que muito facilita sobretudo quem procura informação específica. Por outro lado, no final do Cap. II, temos uma sistematização em formato de tabela da legislação aplicável (à data da edição do livro) nas áreas da saúde (RNCC, licenciamento de Unidades Privadas de Serviços de Saúde); educação (intervenção precoce, educação especial); e segurança social (diplomas legais, diplomas e instrumentos regulamentares para as respostas sociais e seu funcionamento).

Também os Anexos são dignos de registo, pela sua utilidade, nomeadamente para os novos empreendedores, com respeito a: modelos/propostas de Estatutos (nomeadamente de Associação de Solidariedade Social e Cooperativa de Solidariedade Social); modelos de acordos de co-operação; requisitos para a elaboração de Regulamentos Internos; e Regulamentos da Resposta Social.

**Dulce Simões**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Thérèse Delpeche. 2011. *L'Homme sans Passé: Freud et la Tragédie Historique*. Paris: Grasset & Fasquelle. 233 pp. ISBN: 9782246788645.**

Thérèse Delpech, professora universitária de filosofia, politóloga e ensaísta, faleceu recentemente, aos 64 anos. Neste seu último livro, analisa em detalhe alguma da obra literário-científica de Freud e o seu interesse por Goethe, Balzac, Jansen, Hoffmann, Milton, Virgílio. Freud, a quem ela chama 'o homem sem passado', era um homem de paixões.

Por que sem passado? Porque Freud faz, na sua vida e na sua obra, uma ruptura com o passado, seja ele o passado judeu ou a psicologia do final do século XIX. Ao inventar a psicanálise, Freud rompe com muito do que era a cultura europeia na altura, ela própria em profunda mutação nas últimas décadas. Como Thérèse Delpech assinala, tinham já morto o rei, preparavam-se para matar Deus, iriam destruir em breve a autoridade do *pater familias*.

A melancolia que invade o século XIX tinha-se apossado dos escritores: Goethe, Chateaubriand, Byron, Lautréamont, entre tantos outros. O romantismo alemão, com o seu lado negro, testemunha o desespero da razão que se vê confrontada com o abismo. O imaginário da época retrata o fascínio exercido sobre a razão por ruínas, túmulos, catacumbas, subterrâneos, poços, profundezas em geral. Freud era um grande leitor e apreciador de Goethe e o prémio do mesmo nome que lhe foi atribuído em 1930 te-lo-á enchido de alegria. Demasiado doente para poder viajar, é a sua filha Anna que se desloca a Frankfurt para o receber e ler um texto do pai em que este presta uma homenagem ao génio de Goethe e à sua paixão pela Itália e pela Grécia antigas. Freud partilha-

va com Goethe não só esta paixão, mas também o fascínio pela ciência.

Não sabemos o que escreveria concretamente Freud sobre o poema de Goethe 'O Rei dos Amieiros', mas Thérèse Delpech dedica um capítulo do livro a esta obra de Goethe, para ela a expressão poética da ambiguidade do amor filial. O tema, escreve ela, era especialmente caro a Freud que, ao longo da sua vida, terá mantido com o pai, Jacob Freud, uma relação de uma grande ambivalência. Jacob tinha mais quarenta anos do que o filho, e tinha um filho de um primeiro casamento, Philipp, em relação ao qual, refere Thérèse Delpech, o jovem Sigmund alimentaria fantasias de paternidade (este meio-irmão tinha a idade de mãe de Freud). Fonte de decepção para o filho, objeto de afecto ambivalente, tanto mais ambivalente quanto profundo (palavras do próprio Freud), este pai, que nunca pretendeu impôr-se, deixava ao filho espaço para as fantasias mais heróicas. O jovem Sigmund constrói a sua identidade, identificando-se a personagens como Cromwell, Aníbal, Édipo, Alexandre, José (filho do patriarca Jacob), Moisés.

Freud tinha em grande estima a Inglaterra e os ingleses, país onde vivia o seu meio-irmão e pai fantasmado, e onde o próprio Freud, fugido do nazismo, viveria os últimos dias. E Freud definia-se como um homem de ruptura e um conquistador (no sentido espanhol do termo) de novos mundos: 'Não sou mais do que um conquistador, um aventureiro, com a audácia, a tenacidade e o carácter inquisitivo deste tipo de homem'. Ele era um homem que queria conquistar novos mundos, a começar pelo mundo misterioso da *psychè*. Mas era um revolucionário apaixonado pela arqueologia e pelo mundo antigo. Há quem estabeleça uma ligação entre esta aparente contradição e a forma como Freud vivia

a sua condição de judeu: ateu, era através da interpretação e da hermenêutica que Freud vivia e praticava o seu Talmud.

A sua extraordinária colecção de antiguidades, de que se pode ver ainda hoje uma parte na sua casa-museu em Londres, albergava mais de 2000 peças. Um dos seus amigos mais antigos era arqueólogo e são conhecidas as longas conversas entre os dois. Freud comparava a psicanálise com a arqueologia – é uma arqueologia da mente que procede por escavações, descobertas e levantamento de camadas. A psicologia das profundezas. A figura do coleccionador não era rara no século XIX que foi um século de maravilhosas descobertas arqueológicas: Tróia, Minos, o túmulo de Toutankhamon. É também o século de Darwin, cujas descobertas abalam profundamente a concepção que o Homem tinha de si próprio e do seu lugar no mundo. Thérèse Delpech conta que Freud tinha o costume, quando adquiria uma nova peça, de a levar para a mesa de refeições, como se fosse um novo membro da família: 'ces mondes disparus lui sont chers, comme s'il regrettait leur disparition, comme s'il en faisait encore partie, ou comme s'il y trouvait une compensation affective indispensable' (p.79).

A este respeito, ver o gabinete de Freud na casa de Maresfield Gardens é uma experiência única e que se recomenda a quem se interessa pela psicanálise. O seu gabinete/escritório/biblioteca/museu não tinha nada de neutro e impessoal, antes pelo contrário. Cheio de esculturas, gravuras, pinturas, livros e antiguidades, de divindades gregas e egípcias, está imbuído da sua forte personalidade e ainda hoje se respira a sua paixão pela cultura, a que ele chamava Civilization ou Kultur, indiferentemente, porque para ele eram uma e a mesma coisa. O nazismo, furúnculo aberrante da civilização e barbá-

rie por excelência, expulsou-o de Viena, cidade onde viveu toda a sua vida adulta e com a qual mantinha, também, uma relação muito ambivalente. Em Inglaterra, espécie de Terra Prometida, Freud veio encontrar, no último ano da sua longa vida, respeito, amizade, liberdade. Ou seja, um ambiente propício à Kultur.

Thérèse Delpech escreve que este gosto pelas antiguidades e pelo colecionismo foi sobretudo desenvolvido depois da morte do pai, como se o inventor da psicanálise procurasse raízes. Sem um pai capaz de o proteger, nem um Deus bíblico protetor, seria na Antiguidade Clássica e egípcia que Freud buscaria o conforto que lhe permitiria o trabalho intelectual intenso. Quando Freud fez 35 anos, o pai Jacob ofereceu-lhe, com uma nova encadernação em couro, a Bíblia que tinha sido do seu pai que fora rabino e que, com Freud partilhava o nome de Schlomo, Salomão, o rei sábio, descendente de David. Sigmund Schlomo Freud recebe este testemunho do amor paternal, de um pai que sempre respeitara as escolhas intelectuais do filho, com um misto de emoção e de irritação. O pai, Jacob, fazia parte de uma geração de judeus hassídicos que não seguia os rituais, mas que guardava sobretudo a fidelidade ao Texto. Na dedicatória, Jacob relembra-lhe que ele se chamava Schlomo e não Sigmund (Freud adoptou muito novo o nome alemão).

Em 1896, pouco antes da morte do pai, Freud fala dele já no passado: 'Era um ser humano muito interessante, de uma natureza excepcionalmente feliz' (citação de Thérèse Delpech, p.89). E ele próprio adocece, nesse verão que antecede a morte do pai, com sintomas cardíacos. Depois da morte do pai, Freud atravessa um longo período de melancolia. Numa carta a Fliess, escreve: 'À travers certaines des allées sombres cachées par la conscience, la

mort dipu vieil homme m'a énormément touché. J'avais una grande estime pour lui, je le comprenais très bien, et il a joué grand rôle dans ma vie avec ce mélange de sagesse et d'incroyable gaieté' (citado por Thérèse Delpech, p. 91). A teoria do complexo de Édipo surgirá pouco depois e para isso contribuiu grandemente a análise dos sonhos durante o mês que se seguiu à morte de pai. A *Traumdeutung* (*A Interpretação dos Sonhos*) é dedicada por Freud à memória do pai.

Um ano depois da morte do pai, escreve Thérèse Delpech, Freud descobre o vínculo erótico com a mãe, os ciúmes em relação ao meio-irmão Philipp, ao irmão mais novo e ao pai, a rivalidade com o seu sobrinho John, a importância da sua ama católica. Herança, raízes, identidade são questões fundamentais para este homem sem passado que se quer projectar no futuro. *Moisés e o Monoteísmo*, o seu último livro, é um golpe final no ego judaico e a última tentativa de Freud para separar duas noções: judaísmo e judeidade.

Até ao fim entre as duas Tebas, a da Grécia e a do Egito, Freud quis ser cremado e que as suas cinzas fossem depositadas numa urna grega. Lá fora, a Europa dilacerava-se mais uma vez, entregue a uma das suas regressões brutais e suicidas. Ele, morria no seu escritório em Londres, para onde tinham trazido a sua cama, rodeado dos seus antepassados escolhidos: Atena, Horus, Isis, Artemis, Toth, Vishnu, Osiris, Édipo, a Esfinge.

Analisada a questão com o paterno, Thérèse Delpech vai debruçar-se sobre a questão com o materno que ela considera que Freud nunca terá resolvido. De facto, as mulheres constituíram sempre para Freud um motivo de perplexidade, um continente escuro e misterioso. É conhecida a pergunta que dirige a Maria Bonaparte, já no fim da vida: 'Mas afinal,

que querem as mulheres?’. Ela respondeu com uma não-resposta, com a qual Freud concordou: ‘Os homens têm medo das mulheres’. Amália teve vários filhos e filhas, mas Sigismund era o seu preferido. Mulher emotiva, mas pouco sensível, autoritária e impaciente, marcou a imagem da Mulher na mente do filho: poderosa e enigmática como a Esfinge (p. 132).

O colecionador que era Freud não mostrava qualquer interesse pelas criações dos artistas plásticos seus contemporâneos. A sua insaciável vontade de saber e de compreender, mesmo os sinais mais ocultos, levam-no ao estabelecimento de associações e teorias que transformaram o conhecimento da espécie humana sobre si própria. Para Freud, as coisas tinham de ter um sentido e uma explicação, e a forma como a tradição judaica enaltece o trabalho intelectual vem encontrar um terreno fértil neste filho pródigo. Contra o vazio e a angústia, um só remédio: o conhecimento. O assassinato do pai é um tema freudiano por excelência, mas também é um tema de época: Balzac, Frazer, Nietzsche, todos escrevem sobre o parricídio, esse crime primordial e repetido ao longo dos séculos, quer seja o pai da horda (Freud), o rei (Frazer, Balzac), Deus (Nietzsche).

O bom pai, o mau pai, a boa mãe, a má mãe são as figuras principais da mitologia infantil, individual e coletiva. A realidade é ambivalente quando vista pelos olhos da criança – ou do neurótico. No sonho, os opostos confundem-se e coexistem. Na vida real, o pequeno Freud não conseguia decidir-se entre os vários aspectos de uma realidade contraditória, tanto no que diz respeito ao pai, como à mãe. A ameaça vem daqueles que supostamente protegem. Esta *inquietante estranheza* está presente na vida e na arte. No poema de Goethe atrás referido, o pai é suposto pro-

teger, mas confunde-se com o perigo que vem de fora. No conto de Hoffman, ‘O Homem de Areia’, personagem do folclore que atirava areia aos olhos dos meninos e os arrancava, o familiar é simultaneamente o estranho e o ameaçador, como Freud sublinha no texto que dedica a este conto. Tudo se torna estranho, mesmo o mais familiar. A racionalidade quotidiana é rompida pelo medo, pela angústia, pelo desespero – e pela loucura, esse medo tão próprio do ser humano e que a literatura e a arte do século XIX exploram como nenhuma outra. O tema do duplo – aquele que, em vez de proteger o sujeito, ameaça destruí-lo – aparece em Hoffman, Maupassant, Dostoiévsky, Heine, Stevenson, Oscar Wilde, Mary Shelley, Nerval, entre muitos outros. É tema recorrente no romantismo alemão e espalha-se a outras áreas da arte e do conhecimento. De certo modo, a esquizofrenia assenta no modelo do duplo, se pensarmos na parte psicótica da mente como um outro dentro de nós.

Freud escreve: ‘Le double est devenu une image d’épouvante de la même façon que es dieux deviennent des démons après que leur religion s’est écroulée’ (citado por Thérèse Delpech, p. 178). Na cultura judaica, a noção de *Unheimlich*, simultaneamente familiar e estranho, está muito presente, mas este conceito vai para além da religião, é algo que diz respeito ao próprio ser humano e às forças antagónicas que combatem dentro de si. O duplo aterrador do pai amado, o advogado Coppelius no conto de Hoffman, tem, por sua vez, um outro duplo, o Professor Coppola (cópula?), num jogo infinito de espelhos em que é impossível fugir à face aterradora do Mal e da Morte. O protagonista, Nathanaël, acaba por enlouquecer e suicida-se. A bela Olímpia, por quem ele se tinha funestamente apaixonado, era um autómato com olhos hu-

manos. Também Édipo não consegue fugir ao seu duplo, o parricida, por mais que tente evitá-lo. No fim, cega-se. De novo, o tema dos olhos e a sua ablação/castração.

Thérèse Delpèch comenta que Freud criou a psicanálise como um sucedâneo do judaísmo e ele seria o Moisés desta nova Lei. A regra da repetição é estranhamente familiar e cada paciente que, no divã, repete a história de Édipo. Se há um demônio dentro de nós, é esse mesmo, essa misteriosa força que nos leva a repetir uma e outra vez, entregues aos terrores primitivos que jazem no nosso inconsciente quais mortos-vivos caminhando meio cegos. 'À une époque où Vienne ne demanda qu'à oublier, Freud est l'homme du souvenir' (p. 182).

Na inquietante estranheza, tal como na tragédia grega, existe uma obsessão com a morte. A vitória de Thanatos sobre Eros é inevitável – por outras palavras, o triunfo do inorgânico sobre o orgânico. Sigmund Freud, sentado no cadeirão à cabeceira do divã (colocado à sua esquerda, por causa do ouvido), tinha diante dos seus olhos, no peito da estatueta de Atena, a cabeça da Medusa, aquela que não se podia olhar. 'Mas afinal, o que querem as mulheres?'

Em suma, trata-se de um livro muito interessante para quem se interessa por Freud e pela sua circunstância.

**Clara Pracana**

**Pedro Luzes. 2011. *Ensaio Sobre as Perturbações do Pensamento em Clínica Psicanalítica*. Lisboa: Instituto de Psicanálise, Fenda Edições e Autor. 159 pp. ISBN: 978-989-603-045-2.**

Este livro de Pedro Luzes é a tradução do seu Rapport ao XXIX Congresso de Psicanalistas de Línguas Românicas, intitulado *Les Troubles de la Pensée en Clinique Psychanalytique*, publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 33 (5-6), 1969.

Pedro Luzes chama a nossa atenção para a importância das perturbações do pensamento, na teoria e na prática clínica psicanalítica, referindo a necessidade de analisarmos as características formais (e a sua origem) do pensamento que surge na relação do paciente com o analista. O pensamento como defesa torna a comunicação dos conteúdos difícil de ser entendida e analisada. Daí que, sem a sua análise, a comunicação permaneça perturbada (em maior ou menor grau, mediante o nível de distúrbio da organização e estruturação do pensamento) e pouco entendível, conduzindo ao insucesso terapêutico. Neste sentido, Pedro Luzes diz que: 'O pensamento [...] é o domínio principal que permite descobrir as comparações que se operam entre os diferentes mecanismos de defesa' (p. 86).

Sendo um trabalho publicado em 1969, já nessa altura Pedro Luzes escrevia: 'A amplitude do campo psicanalítico é tal, hoje em dia, que não podemos admitir senão a existência de realidades múltiplas e a possibilidade de as interpretar de diferentes formas' (p.115). Neste livro, o autor enriquece o seu escrito, abordando também o conhecimento, dos assuntos analisados, advindo de outras áreas não psicanalíticas, revelando-se um psicanalista culto.

Penso a importância do pensar o pen-